
Os chefes

I

Javier se adiantou por um segundo:

— Apito! — gritou, já de pé.

A tensão se quebrou, violentamente, como uma explosão. Todos estávamos em pé: o doutor Abásalo tinha a boca aberta. Ficava vermelho, apertando os punhos. Quando, recuperando-se, levantava a mão e parecia prestes a começar um sermão, o apito tocou de verdade. Saímos correndo estrepitosamente, enlouquecidos, insuflados pelo grasnido de corvo de Amaya, que avançava virando carteiras.

O pátio estava sacudido pelos gritos. Os do quarto e do terceiro anos tinham saído antes, formavam um grande círculo que balançava sob a poeira. Quase junto conosco, entraram os do primeiro e do segundo; traziam outras frases agressivas, mais ódio. O círculo cresceu. A indignação era unânime no ginásio. (O primário tinha um pátio pequeno, de mosaicos azuis, na ala oposta do colégio.)

— O serrano quer nos ferrar.

— Sim. Que desgraçado.

Ninguém falava das provas finais. O brilho das pupilas, as vociferações, o escândalo indicavam que tinha chegado a hora de enfrentar o diretor. De repente deixei de fazer esforço para me controlar e comecei a percorrer febrilmente os grupos: “Ferra a gente e nós ficamos quietos?” “Precisamos fazer alguma coisa.” “Precisamos dar o troco.”

Uma mão férrea me tirou do centro do círculo.

— Você não — disse Javier. — Não se meta. Vai acabar sendo expulso. Você sabe muito bem.

— Agora não me importo. Ele vai me pagar por todas. É a minha chance, não está vendo? Vamos entrar em forma.

Em voz baixa fomos repetindo pelo pátio, de ouvido em ouvido: “formem filas”, “vamos formar, rápido”.

— Formemos filas! — o vozeirão de Raygada vibrou no ar sufocante da manhã.

Muitos, ao mesmo tempo, fizeram coro:

— Formar! Formar!

Os inspetores Gallardo e Romero viram então, surpresos, que de repente o bulício diminuía e as filas se organizavam antes de terminar o recreio. Estavam encostados na parede, ao lado da sala de professores, à nossa frente, e nos olhavam nervosos. Depois se entreolharam. Na porta tinham aparecido alguns professores; também estavam surpresos.

O inspetor Gallardo se aproximou:

— Ouçam! — gritou, desconcertado. — Ainda não...

— Cale-se — respondeu alguém, do fundo. — Cale a boca, Gallardo, veado!

Gallardo ficou pálido. Com passos largos, com gesto ameaçador, invadiu as filas. Às suas costas, vários gritavam: “Gallardo, veado!”

— Vamos marchar — eu disse. — Voltas no pátio. Primeiro os do quinto.

Começamos a marchar. Batíamos os pés com força, até doer. Na segunda volta — formávamos um retângulo perfeito, ajustado às dimensões do pátio — Javier, Raygada, León e eu começamos:

— Ho-rá-rio; ho-rá-rio; ho-rá-rio...

O coro se generalizou.

— Mais alto! — irrompeu a voz de alguém que eu odiava: Lu. — Gritem!

De imediato, o vozerio aumentou até ficar ensurdecedor.

— Ho-rá-rio; ho-rá-rio; ho-rá-rio...

Os professores, cautelosamente, tinham desaparecido fechando atrás de si a porta da sala de estudos. Quando os do

quinto ano passaram pelo canto onde Teobaldo vendia frutas num tabuleiro, ele disse alguma coisa que não ouvimos. Mexia as mãos, parecendo incentivar-nos. “Porco”, pensei.

Os gritos aumentavam. Mas nem o compasso da marcha, nem o estímulo das vozes bastavam para disfarçar que estávamos assustados. Aquela espera era angustiante. Por que demorava a sair? Ainda aparentando coragem, repetíamos a frase, mas tinham começado a se olhar uns aos outros e ouviam-se, vez por outra, uns risinhos agudos meio forçados. “Não devo pensar em nada”, dizia para mim mesmo. “Agora não.” Já sentia dificuldade para gritar: eu estava rouco e minha garganta ardia. De repente, quase sem perceber, olhei para o céu: persegui um urubu que planava suavemente sobre o colégio, sob uma abóbada azul, límpida e profunda, iluminada em um lado por um disco amarelo, como uma pinta. Baixei a cabeça, rapidamente.

Pequeno, quase roxo, Ferrufino havia aparecido no final do corredor que desembocava no pátio do recreio. Os passinhos breves e tortos, como os de um pato, que o aproximavam de nós interrompiam abusivamente o silêncio que agora de repente imperava, surpreendendo-me. (A porta da sala dos professores se abre; desponta um rosto diminuto, cômico. Estrada quer nos espiar: vê o diretor a poucos passos; velozmente, mergulha outra vez; sua mão infantil fecha a porta.) Ferrufino estava à nossa frente: percorria atônito os grupos de estudantes emudecidos. As filas se desfizeram; alguns correram para os banheiros, outros rodeavam desesperadamente o balcão de Teobaldo. Javier, Raygada, León e eu ficamos imóveis.

— Não tenham medo — eu disse, mas ninguém me ouviu porque simultaneamente o diretor dissera:

— Apite, Gallardo.

As fileiras se organizaram de novo, agora com lentidão. O calor ainda não era excessivo, mas já padecíamos de certo torpor, uma espécie de tédio.

— Cansaram — murmurou Javier. — Muito ruim.
— E advertiu, furioso: — Cuidado com o que dizem!

Outros propagaram o aviso.

— Não — disse eu. — Espere. Vão virar feras quando Ferrufino falar.

Transcorreram alguns segundos em silêncio, de inquietante gravidade, antes que fôssemos levantando a vista, um por um, na direção daquele homenzinho vestido de cinza. Estava com as mãos entrelaçadas sobre a barriga, os pés juntos, parado.

— Não quero saber quem começou este tumulto — recitava. Um ator: o tom de sua voz, pausado, suave, as palavras quase cordiais, sua postura de estátua, tudo nele era cuidadosamente afetado. Será que andou ensaiando sozinho, no seu gabinete? — Atos como este são uma vergonha para vocês, para o colégio e para mim. Tive muita paciência, muita, ouçam bem, com o organizador dessas desordens, mas chegou ao limite...

Eu ou Lu? Uma interminável língua de fogo lambia as minhas costas, meu pescoço, minhas bochechas, à medida que os olhos de todo o ginásio foram girando até encontrar-me. Será que Lu me olhava? Tinha inveja? Os coiotes me olhavam? De trás, alguém deu duas palmadinhas no meu braço, encorajando-me. O diretor falou extensamente sobre Deus, a disciplina e os valores supremos do espírito. Disse que as portas da diretoria estavam sempre abertas, que os valentes de verdade deviam mostrar a cara.

— Mostrar a cara — repetiu; agora era autoritário —, quer dizer, falar de frente, falar comigo.

— Não seja imbecil! — disse eu, rápido. — Não seja imbecil!

Mas Raygada já tinha levantado a mão enquanto dava um passo à esquerda, saindo da formação. Um sorriso complacente cruzou a boca de Ferrufino e imediatamente desapareceu.

— Fale, Raygada... — disse.

À medida que este falava, suas palavras iam lhe injetando coragem. Chegou mesmo, a certa altura, a agitar os braços, dramaticamente. Afirmou que nós não éramos maus e que amávamos o colégio e os nossos professores; lembrou que

a juventude era impulsiva. Em nome de todos, pediu desculpas. Depois gaguejou, mas seguiu em frente:

— Nós lhe pedimos, senhor diretor, que deixe os horários das provas como nos anos anteriores... — e se calou, assustado.

— Anote, Gallardo — disse Ferrufino. — O aluno Raygada deverá estudar na próxima semana, todos os dias, até as nove da noite — fez uma pausa. — O motivo vai figurar na caderneta: por se rebelar contra uma disposição pedagógica.

— Senhor diretor... — Raygada estava lívido.

— Acho justo — sussurrou Javier. — Por ser burro.

II

Um raio de sol atravessava a claraboia suja e vinha acariciar minha testa e meus olhos, invadindo-me de paz. Entretanto, meu coração estava um pouco agitado e vez por outra eu me sentia sufocado. Faltava meia hora para a saída; a impaciência dos garotos tinha diminuído um pouco. Reagiriam bem, depois de tudo?

— Sente-se, Montes — disse o professor Zambrano. — O senhor é um asno.

— Sem a menor dúvida — afirmou Javier, ao meu lado. — É um asno.

A orientação terá chegado a todas as séries? Eu não queria martirizar meu cérebro de novo com hipóteses pessimistas, mas a toda hora via Lu a poucos metros da minha carteira e sentia desassossego e dúvida, porque sabia que no fundo o que ia se decidir não era o horário das provas, nem uma questão de honra, mas uma vingança pessoal. Como perder esta feliz oportunidade de atacar o inimigo que tinha baixado a guarda?

— Tome — disse alguém, ao meu lado. — É do Lu.

“Aceito assumir o comando, com você e Raygada.” Lu tinha assinado duas vezes. Entre os seus nomes, como um pequeno borrão, aparecia com a tinta ainda brilhante um sinal

que todos respeitávamos: a letra C, maiúscula, encerrada num círculo negro. Olhei para ele: sua testa e sua boca eram finas; tinha olhos rasgados, a pele afundada nas bochechas e uma mandíbula pronunciada e firme. Ele me observava seriamente; talvez pensasse que a situação exigia que fosse cordial.

No mesmo papel respondi: “Com Javier.” Leu sem se alterar e mexeu a cabeça afirmativamente.

— Javier — disse eu.

— Já sei — respondeu. — Está bem. Vamos fazê-lo passar um mau bocado.

O diretor ou Lu? Ia perguntar-lhe, mas o apito que anunciava a saída me distraiu. Ao mesmo tempo começou uma gritaria acima das nossas cabeças, misturada com o ruído das carteiras arrastadas. Alguém — Córdoba, talvez? — assobiava com força, parecia querer destacar-se.

— Já sabem? — disse Raygada, já na fila. — No Malecón.

— Que esperto! — exclamou alguém. — Até o Ferrufino está sabendo.

Nós saíamos pela porta de trás, quinze minutos depois do primário. Muitos já estavam lá fora, e a maioria dos alunos parara na calçada, formando pequenos grupos. Discutiam, brincavam, empurravam-se.

— Que ninguém fique aqui — disse eu.

— Os coiotes comigo! — gritou Lu, orgulhoso.

Vinte garotos o cercaram.

— Para o Malecón — ordenou —, todos para o Malecón.

De braços dados, numa fileira que unia as duas calçadas, nós do quinto fechávamos a marcha, obrigando os menos entusiasmados a se apressar na base de cotoveladas.

Uma brisa morna, que não conseguia agitar as alfarobeiras secas nem nossos cabelos, levava de um lado para o outro a areia que cobria boa parte do chão calcinado do Malecón. Tinham reagido bem. Diante de nós — Lu, Javier, Raygada e eu —, que dávamos as costas para a mureta e os intermináveis areais que começavam na margem contrária do

leito, uma multidão compacta, estendida ao longo de toda a quadra, permanecia calma, embora às vezes, isoladamente, se ouvissem gritos estridentes.

— Quem vai falar? — perguntou Javier.

— Eu — propôs Lu, já preparado para pular em cima da mureta.

— Não — disse eu. — Fale você, Javier.

Lu se conteve e olhou para mim, mas não estava zangado.

— Está bem — disse; e acrescentou, encolhendo os ombros: — Tanto faz!

Javier subiu. Com uma das mãos se apoiava em uma árvore torta e ressecada e com a outra agarrava o meu pescoço. Por entre suas pernas, agitadas por um leve tremor que desaparecia à medida que o tom da sua voz ia ficando convincente e enérgico, eu via o leito do rio seco e tórrido e pensava em Lu e nos coiotes. Um segundo fora o suficiente para que ele me tomasse o primeiro lugar; agora tinha o comando e todos o admiravam, logo ele, um ratinho amarelado que seis meses antes implorava a minha autorização para entrar no grupo. Um descuido infinitamente pequeno, e depois o sangue, escorrendo caudaloso pelo meu rosto e meu pescoço, os meus braços e pernas imobilizados sob a claridade lunar, incapazes de responder aos seus punhos.

— Ganhei — disse ele, resfolegando. — Agora sou o chefe. Combinamos isso.

Nenhuma das sombras estendidas em círculo na areia fofa se mexeu. Só os sapos e os grilos respondiam a Lu, que me xingava. Ainda deitado no chão morno, atinei a gritar:

— Eu saio do grupo. Vou formar outro, muito melhor.

Mas eu e Lu e os coiotes que continuavam escondidos na sombra sabíamos que não era verdade.

— Eu também saio — disse Javier.

Ele me ajudava a levantar. Voltamos à cidade e, enquanto andávamos pelas ruas vazias, eu ia limpando o sangue e as lágrimas com o lenço de Javier.

— Fale você agora — disse Javier. Tinha descido e alguns o aplaudiam.

— Certo — respondi e subi na mureta.

Nem as paredes do fundo, nem os corpos dos meus colegas tinham sombra. Minhas mãos estavam úmidas e pensei que eram os nervos, mas era o calor. O sol brilhava no centro do céu e nos sufocava. Os olhos dos meus colegas não atingiam os meus: olhavam para o chão e para os meus joelhos. Guardavam silêncio. O sol me protegia.

— Vamos pedir ao diretor que marque o horário das provas como nos outros anos. Raygada, Javier, Lu e eu formamos a comissão. O ginásio concorda, não é mesmo?

A maioria concordou, mexendo a cabeça. Uns poucos gritaram: “Sim, sim.”

— Vamos agora mesmo — disse. — Vocês nos esperam na praça Merino.

Começamos a andar. A porta principal do colégio estava fechada. Batemos com força; às nossas costas ouvíamos um murmúrio crescente. O inspetor Gallardo abriu.

— Estão loucos? — disse. — Não façam isso.

— Não se meta — Lu o interrompeu. — Pensa que o serrano nos mete medo?

— Entrem — disse Gallardo. — Vocês vão ver.

III

Seus olhinhos nos observavam minuciosamente. Queria aparentar sarcasmo e despreocupação, mas não ignorávamos que seu sorriso era forçado e que no fundo daquele corpo rechonchudo havia temor e ódio. Franzia e relaxava a fisionomia, o suor brotava aos borbotões das suas pequenas mãos roxas.

Estava trêmulo:

— Vocês sabem como se chama isto? Chama-se rebelião, insurreição. Pensam que vou me submeter aos caprichos de uns desocupados? Eu esmago as insolências...

Baixava e aumentava a voz. Via-se que estava fazendo um esforço para não gritar. “Por que não explode de uma vez?”, pensei. “Covarde!”

Tinha se levantado. Uma mancha cinza flutuava em volta das suas mãos, apoiadas no vidro da escrivaninha. De repente sua voz subiu, tornou-se áspera:

— Fora! Quem mencionar de novo as provas será castigado.

Antes que Javier ou eu pudéssemos fazer qualquer sinal, surgiu o verdadeiro Lu, o dos assaltos noturnos aos casebres da Tablada, o dos combates contra as *raposas* nas dunas.

— Senhor diretor...

Não me virei para olhá-lo. Seus olhos oblíquos deviam estar expelindo fogo e violência, como quando lutamos no leito seco do rio. Agora sua boca cheia de baba também devia estar muito aberta, mostrando seus dentes amarelos.

— Nós também não podemos nos ferrar só porque o senhor não quer marcar horários. Por que quer que todos nós tiremos notas baixas? Por quê...?

Ferrufino tinha se aproximado. Quase tocava nele com seu corpo. Lu, pálido, apavorado, continuava falando:

— ...já estamos cansados...

— Cale-se!

O diretor tinha levantado os braços, espremia algo nos punhos.

— Cale-se! — repetiu com ira. — Cale-se, animal! Como se atreve!

Lu já estava calado, mas olhava dentro dos olhos de Ferrufino como se fosse pular subitamente no seu pescoço: “São iguais”, pensei. “Duas feras.”

— Quer dizer que você aprendeu com este aqui.

Seu dedo apontava para a minha testa. Mordí o lábio: logo senti que um fiozinho quente percorria a minha língua e isso me acalmou.

— Fora! — gritou de novo. — Fora daqui! Vocês vão se arrepender.

Saímos. Uma multidão imóvel e ofegante se estendia até o pé dos degraus que ligavam o Colégio San Miguel com a praça Merino. Nossos colegas tinham invadido os pequenos jardins e o chafariz; estavam silenciosos e angustiados. Estranhamente, no meio da mancha clara e estática apareciam clareiras, diminutos retângulos em que ninguém pisava. As cabeças pareciam iguais, uniformes, como na formação para o desfile. Atravessamos a praça. Ninguém nos perguntou nada; eles se afastavam para um lado, dando-nos passagem e apertando os lábios. Até pisarmos na avenida, todos permaneceram nos seus lugares. Depois, obedecendo a uma ordem que ninguém tinha dado, seguiram atrás de nós, num passo descompassado, como se estivessem indo para as aulas.

O pavimento fervia, parecia um espelho que o sol ia dissolvendo. “Será verdade?”, pensei. Numa noite quente e deserta tinham me contado, nesta mesma avenida, e não acreditei. Mas os jornais diziam que o sol, em certos lugares afastados, enlouquecia os homens e às vezes os matava.

— Javier — perguntei. — Você viu o ovo se fritar sozinho, no asfalto?

Surpreso, balançou a cabeça.

— Não. Mas me contaram.

— Será verdade?

— Talvez. Agora poderíamos tirar a prova. O chão está queimando, parece um braseiro.

Na porta do La Reina apareceu Alberto. Seu cabelo louro brilhava lindamente: parecia de ouro. Acenou com a mão direita, cordial. Os enormes olhos verdes estavam muito abertos, e ele sorria. Devia estar curioso para saber aonde ia essa multidão uniformizada e silenciosa, naquele rude calor.

— Você vem depois? — gritou para mim.

— Não posso. À noite a gente se vê.

— É um imbecil — disse Javier. — Um bêbado.

— Não — afirmei. — É meu amigo. É um bom rapaz.

— Deixe-me falar, Lu — pedi, tentando ser suave.

Mas ninguém podia mais contê-lo. Estava em cima da mureta, sob os ramos da alfarrobeira seca: mantinha o equilíbrio admiravelmente e sua pele e seu rosto faziam pensar num lagarto.

— Não! — disse agressivamente. — Sou eu que vou falar.

Fiz um sinal para Javier. Fomos até Lu e agarramos suas pernas. Mas ele conseguiu se prender na árvore a tempo e safar a perna direita dos meus braços; empurrado por um forte pontapé no ombro dei três passos atrás e vi Javier enlaçando velozmente Lu pelos joelhos, levantando o rosto e desafiando-o com seus olhos que o sol feria com fúria.

— Não bata! — gritei. Ele se conteve, trêmulo, enquanto Lu começava a berrar:

— Não ouviram o que o diretor disse? Ele nos xingou e nos tratou como animais. Não está disposto a marcar os horários porque quer nos ferrar. Vai sacanear todo o colégio e não liga. É um...

Estávamos ocupando o mesmo lugar que antes e as filas tortas de rapazes começavam a ondular. Quase todo o ginásio continuava ali. Com o calor e com cada palavra de Lu crescia a indignação dos alunos. Estavam inflamados.

— Sabemos que ele nos odeia. Não nos entendemos. Desde que chegou, o colégio não é mais um colégio. Xinga, bate. Ainda por cima quer nos ferrar nas provas.

Uma voz aguda e anônima interrompeu-o:

— Ele bateu em quem?

Lu hesitou um instante. Explodiu de novo:

— Em quem? — desafiou. — Arévalo, que todos vejam as suas costas!

Entre murmúrios, Arévalo apareceu no centro da massa. Estava pálido. Era um coioote. Foi até onde estava Lu e mostrou o peito e as costas. Na altura das costelas, via-se um grosso lanho vermelho.

— Isto é Ferrufino! — a mão de Lu mostrava a marca enquanto seus olhos perscrutavam os rostos atônitos dos mais próximos. Tumultuadamente, o mar humano se apertou em volta de nós; todos forçavam para chegar perto de Arévalo e ninguém mais ouvia Lu, nem Javier e Raygada que pediam calma, nem a mim que gritava: “É mentira!, não acreditem!, é mentira!” A maré me afastou da mureta e de Lu. Estava quase sufocado. Consegui abrir passagem e sair do tumulto. Afrouxei a gravata e respirei com a boca aberta e os braços no alto, lentamente, até sentir que meu coração recuperava o ritmo.

Raygada estava ao meu lado. Indignado, perguntou:

— Quando aconteceu isso com Arévalo?

— Nunca.

— Como assim?

Até ele, sempre calmo, tinha sido conquistado. Suas narinas palpitavam com vivacidade e tinha os punhos apertados.

— Nada — disse eu —, não sei quando aconteceu.

Lu esperou que a excitação amainasse um pouco. Depois, erguendo a voz acima dos protestos dispersos:

— Ferrufino vai nos vencer? — perguntou aos gritos; seu punho colérico ameaçava os alunos. — Vai nos vencer? Respondam!

— Não! — prorromperam quinhentos ou mais. — Não! Não!

Trêmulo com o esforço que seus berros lhe exigiam, Lu se balançava vitorioso sobre a mureta.

— Que ninguém entre no colégio até que marquem os horários das provas. É justo. Temos direito. E também não deixaremos o primário entrar.

Sua voz agressiva perdeu-se entre os gritos. À minha frente, na massa apinhada de braços que sacudiam jubilosamente centenas de boinas no ar, não distingi um só aluno que parecesse indiferente ou hostil.

— O que fazemos?

Javier queria demonstrar tranquilidade, mas suas pupilas brilhavam.

— Está bem — disse eu. — Lu tem razão. Vamos ajudá-lo.

Corri para a mureta e subi.

— Avisem aos alunos do primário que não há aulas hoje à tarde — disse. — Podem ir agora. Só fiquem os do quinto e os do quarto para cercar o colégio.

— E também os coiotes — concluiu Lu, feliz.

V

— Estou com fome — disse Javier.

O calor tinha diminuído. No único banco utilizável da praça Merino recebíamos os raios de sol, filtrados facilmente através de umas nuvens gasosas que haviam aparecido no céu, mas quase nenhum de nós suava.

León esfregava as mãos e sorria: estava inquieto.

— Não trema — disse Amaya. — Você já está grandinho para ter medo de Ferrufino.

— Cuidado! — a cara de macaco de León estava vermelha e seu queixo apontava para a frente. — Tome cuidado, Amaya! — tinha se levantado.

— Não briguem — disse Raygada tranquilamente. — Ninguém está com medo. Seria imbecil.

— Vamos dar uma volta por trás — propus a Javier.

Rodeamos o colégio, andando pelo meio da rua. As janelas altas estavam entreabertas e não se via ninguém atrás delas, nem se ouvia qualquer ruído.

— Estão almoçando — disse Javier.

— É mesmo.

Na calçada oposta ficava a porta principal do Salesiano. Os semi-internos tinham tomado posição no teto, para nos observar. Sem dúvida estavam a par.

— Que rapazes valentes! — zombou alguém.

Javier xingou-os. Responderam com uma chuva de ameaças. Alguns cuspiram, mas sem acertar. Houve risos. “Estão morrendo de inveja”, murmurou Javier.

Na esquina vimos Lu. Estava sentado na calçada, sozinho, olhando distraído para a rua. Ele nos viu e veio em nossa direção. Parecia contente.

— Apareceram dois gurus do primeiro ano — disse.
— Mandamos que fossem brincar no rio.

— Ah, sim? — disse Javier. — Espere meia hora para ver. Vai começar um grande escândalo.

Lu e os coiotes vigiavam a porta dos fundos do colégio. Estavam divididos entre as esquinas das ruas Lima e Arequipa. Quando chegamos à entrada do beco, conversavam em roda e davam risadas. Todos tinham paus e pedras nas mãos.

— Assim não — disse eu. — Se vocês baterem neles, os garotos vão querer entrar do jeito que for.

Lu riu.

— Eles vão ver. Por esta porta ninguém entra.

Também tinha um porrete que até então escondera com o corpo. Mostrou, balançando-o.

— E por lá? — perguntou.

— Nada, ainda.

Às nossas costas alguém gritava os nossos nomes. Era Raygada: vinha correndo e nos chamava agitando a mão freneticamente. “Já estão chegando, estão chegando” — disse, com ansiedade. — “Venham.” Parou subitamente dez metros antes de nos alcançar. Deu meia-volta e retornou correndo. Estava excitadíssimo. Javier e eu também corremos. Lu gritou alguma coisa sobre o rio. “O rio?”, pensei. “Não existe. Por que todo mundo fala de rio se só tem água um mês por ano?” Javier corria ao meu lado, ofegante.

— Vamos conseguir pará-los?

— O quê? — abria a boca com dificuldade, porque falar cansava mais.

— Conseguiremos parar o primário?

— Acho que sim. Tudo depende.

— Olhe.

No centro da praça, junto ao chafariz, León, Amaya e Raygada conversavam com um grupo de pequenos, cinco ou seis. A situação parecia calma.

— Repito — dizia Raygada, com a língua de fora. — Vão para o rio. Hoje não tem aula, não tem aula. Está claro? Ou querem que passe um filme?

— Isso mesmo — disse um, de nariz em pé. — Que seja colorido.

— Olhem — eu ponderei. — Hoje ninguém entra no colégio. Vamos para o rio. Podemos jogar futebol: primário contra o ginásio. De acordo?

— Rá, rá — riu o de nariz em pé, com suficiêcia. — Nós ganhamos. Somos mais.

— Veremos. Vão andando para lá.

— Não quero — respondeu uma voz abusada. — Eu vou ao colégio.

Era um garoto do quarto ano, magro e pálido. Seu pescoço comprido emergia como um cabo de vassoura da camisa militar, larga demais para ele. Era o aluno-monitor. Inquieto com a própria audácia, deu uns passos para trás. León correu e pegou-o por um braço.

— Você não entendeu? — tinha aproximado o rosto da cara do menino e gritava com ele. Por que diabo se assustava León? — Não entendeu, guri? Não entra ninguém. Vamos embora, ande logo.

— Não o empurre — disse eu. — Ele vai sozinho.

— Não vou não! — gritou. Havia erguido o rosto na direção de León, olhava-o com raiva. — Eu não vou! Não quero fazer greve.

— Cale-se, imbecil! Quem quer greve? — León parecia nervoso. Apertava o braço do monitor com toda a força. Seus colegas observavam a cena, divertidos.

— Podem nos expulsar! — o garoto se dirigia aos pequenos, parecia atemorizado e colérico. — Eles querem fazer greve porque não marcam os horários, vão dar as provas de repente, sem avisar quando. Pensam que não sei? Podem nos expulsar! Vamos para o colégio, garotos.

Houve um movimento de surpresa entre os meninos. Agora se entreolhavam sem sorrir, enquanto o outro continuava gritando que iam nos expulsar. Estava chorando.

— Não batam nele! — gritei, muito tarde. León lhe dera um soco na cara, não muito forte, mas o menino ficou esperando e gritando.

— Parece um cabrito — observou alguém.

Olhei para Javier. Já estava correndo. Levantou o monitor e jogou-o nos ombros como um fardo. Afastou-se com ele. Vários o seguiram, rindo às gargalhadas.

— Para o rio! — gritou Raygada. Javier tinha ouvido, porque o vimos virar com sua carga pela avenida Sánchez Cerro, rumo ao Malecón.

O grupo que nos rodeava ia crescendo. Alguns sentados nos muros de tijolos e nos bancos quebrados, outros andando entediados pelos pequenos caminhos asfaltados do parque, ninguém, felizmente, tentava entrar no colégio. Divididos em duplas, os dez encarregados de controlar a porta principal tentávamos entusiasmá-los: “Eles têm que marcar os horários, senão nós nos ferramos. E vocês também, quando for a sua vez.”

— Continuam chegando — disse Raygada. — Nós somos poucos. Podem nos arrasar, se quiserem.

— Se os distrairmos durante dez minutos, está resolvido — disse León. — O pessoal do ginásio está para chegar e então podemos empurrá-los para o rio a pontapés.

De repente um menino gritou, convulsionado:

— Têm razão! Eles têm razão! — e dirigindo-se a nós, com ar dramático: — Estou com vocês.

— Boa! Muito bem! — aplaudimos. — Você é que é homem. — Demos tapinhas em suas costas e o abraçamos.

O exemplo se espalhou. Alguém deu um grito: “Eu também. Vocês têm razão.” Começaram a discutir entre si. Nós incentivávamos os mais excitados, elogiando-os: “Muito bem, garoto. Você não é nenhum veado.”

Raygada se aboletou no chafariz. Segurava a boina na mão direita e a agitava, suavemente.

— Vamos entrar em acordo — exclamou. — Todos unidos?

Eles o cercaram. Continuavam chegando grupos de alunos, alguns do quinto ginásio; junto com eles formamos

uma muralha, entre o chafariz e a porta do colégio, enquanto Raygada falava.

— Isto se chama solidariedade — dizia. — Solidariedade — calou-se como se houvesse terminado, mas um segundo depois abriu os braços e proclamou: — Não vamos deixar que se cometa um abuso!

Foi aplaudido.

— Vamos para o rio — disse. — Todos.

— Certo. Vocês também.

— Nós vamos depois.

— Todos juntos ou ninguém — respondeu a mesma voz. Ninguém se mexeu.

Javier estava de volta. Vinha só.

— Eles estão tranquilos — disse. — Roubaram o burro de uma mulher. Não param de brincar.

— Que horas são? — perguntou León. — Digam-me, que horas são.

Eram duas.

— Às duas e meia vamos embora — disse eu. — Basta deixar um para avisar os retardatários.

Os que iam chegando imergiam na massa de meninos. Deixavam-se convencer rapidamente.

— É perigoso — disse Javier. Falava de um jeito estranho: estaria com medo? — É perigoso. Já sabem o que vai acontecer se o diretor resolver sair. Antes que diga uma só palavra, vamos estar todos nas salas.

— Sim — disse. — Que comecem a sair. Precisamos animá-los.

Mas ninguém queria se mexer. Havia tensão, esperava-se que alguma coisa acontecesse de um momento para o outro. León estava ao meu lado.

— O pessoal do ginásio cumpriu a palavra — disse. — Olhe bem. Só vieram os encarregados das portas.

Um instante depois, vimos chegar os alunos do ginásio, em grandes grupos que se misturavam com as ondas de meninos. Faziam pilhérias. Javier ficou furioso:

— E vocês? — disse. — O que estão fazendo aqui? Para que vieram?

Dirigia-se aos que estavam mais perto de nós, à frente deles vinha Antenor, aluno-monitor do segundo ginásio.

— Ora! — Antenor parecia muito surpreso. — Por acaso vamos entrar? Viemos ajudá-los.

Javier pulou para cima dele, agarrou-o pelo pescoço.

— Ajudar-nos! E esses uniformes? E os livros?

— Cale a boca — disse eu. — Solte-o. Nada de brigas. Dez minutos, e depois vamos para o rio. Quase todo o colégio já chegou.

A praça estava completamente lotada. Os estudantes permaneciam tranquilos, sem discutir. Alguns fumavam. Pela avenida Sánchez Cerro circulavam muitos carros, que diminuía a velocidade ao passar pela praça Merino. De um caminhão, um homem nos incentivou gritando:

— Boa, rapazes. Não se entreguem.

— Viu? — disse Javier. — Toda a cidade está sabendo. Você imagina a cara de Ferrufino?

— São duas e meia! — gritou León. — Vamos. Rápido, rápido.

Olhei o meu relógio: faltavam cinco minutos.

— Vamos — gritei. — Todos para o rio.

Alguns fizeram menção de se mexer. Javier, León, Raygada e vários outros também gritaram, começaram a empurrar aqui e ali. Uma palavra era repetida sem parar: “Rio, rio, rio.”

Lentamente, a multidão de garotos começou a ficar agitada. Paramos de instigá-los e, quando nos calamos, me surpreendi, pela segunda vez no dia, com um silêncio total. Aquilo me deixava nervoso. Então o rompi:

— O pessoal do ginásio, atrás — indiquei. — Para trás, formando fila...

Ao meu lado, alguém jogou no chão uma casquinha de sorvete, que salpicou nos meus sapatos. Entrelaçando os braços, formamos um cinturão humano. Avançávamos a duras penas. Ninguém desistia, mas a marcha era muito lenta.

Uma cabeça ia quase afundada no meu peito. Virou-se: como se chamava? Seus olhos pequenos eram cordiais.

— Seu pai vai matar você — disse.

“Ah”, pensei. “Meu vizinho.”

— Não — disse eu. — Enfim, vamos ver. Empurre.

Tínhamos saído da praça. A grossa coluna ocupava toda a largura da avenida. Acima das cabeças sem boinas, duas quadras mais à frente, viam-se a mureta verde-amarela e as grandes alfarrobeiras do Malecón. Entre elas, como pontinhos brancos, os areais.

O primeiro a ouvir foi Javier, que marchava ao meu lado. Havia inquietação nos seus estreitos olhos escuros.

— O que foi? — perguntei. — Diga.

Balançou a cabeça.

— O que foi? — gritei. — O que está ouvindo?

Nesse instante vi um rapaz de uniforme que atravessava velozmente a praça Merino e vinha em nossa direção. Os gritos do recém-chegado se confundiram em meus ouvidos com a violenta gritaria que se desatou nas colunas compactas de meninos, junto com um movimento de tumulto. Nós que marchávamos na última fileira não entendemos nada. Tivemos um segundo de desconcerto: afrouxamos os braços, alguns se soltaram. Sentimo-nos jogados para trás, separados uns dos outros. Passavam centenas de corpos por nós, correndo e berrando histericamente. “O que houve?”, gritei para León. Apontou alguma coisa com o dedo, sem parar de correr. “É Lu”, disseram em meu ouvido. “Alguma coisa aconteceu lá. Dizem que houve confusão.” Saí correndo.

Na esquina que se abria a poucos metros da porta traseira do colégio, parei. Nesse momento era impossível ver: ondas de uniformes afluíam de todos os lados e enchiam a rua de gritos e cabeças descobertas. De repente, a quinze passos, encarpitado em cima de alguma coisa, divisei Lu. Seu corpo magro se destacava nitidamente na penumbra do muro em que se apoiava. Estava encurralado e descia seu porrete para todos os lados. Então, em meio ao ruído, mais poderosa que a daqueles que o insultavam e recuavam para evitar os golpes, ouvi sua voz:

— Quem chega perto? — gritava. — Quem chega perto?

Quatro metros à frente, dois coiotes, também cercados, defendiam-se a pauladas e faziam esforços desesperados para romper o bloqueio e juntar-se com Lu. Entre os que o acoassavam, vi rostos do ginásio. Alguns tinham arranjado pedras e as jogavam, mas sem se aproximar dele. Ao longe vi outros dois da nossa turma, que corriam espavoridos: um grupo de garotos os perseguia com paus.

— Calma! Calma! Vamos para o rio.

Uma voz nascia ao meu lado, angustiadamente.

Era Raygada. Parecia prestes a chorar.

— Não seja idiota — disse Javier. Ria às gargalhadas.

— Cale-se, não está vendo?

A porta estava aberta e por ela os estudantes entravam às dúzias, avidamente. Continuavam chegando outros alunos à esquina, alguns se somavam ao grupo que cercava Lu e os seus. Tinham conseguido juntar-se. Lu estava com a camisa aberta, mostrando seu peito magro e imberbe, suado e brilhante; um fiozinho de sangue lhe escorria do nariz e dos lábios. Cuspia de vez em quando e olhava com ódio para os que estavam mais próximos. Só ele conservava o porrete levantado, disposto a usá-lo. Os outros tinham baixado os seus, exaustos.

— Quem chega perto? Quero ver a cara desse valente.

À medida que entravam no colégio, iam colocando de qualquer maneira as boinas e as insígnias do ano. Aos poucos começou a dissolver-se, dizendo palavrões, o grupo que cercava Lu. Raygada me deu uma cotovelada:

— Ele tinha dito que com a sua turma podia derrotar o colégio inteiro — falava com tristeza. — Por que deixamos este animal sozinho?

Raygada se afastou. Já na porta ainda nos fez um gesto, parecendo hesitar. Depois entrou. Javier e eu nos aproximamos de Lu. Estava tremendo de raiva.

— Por que não vieram? — disse, frenético, levantando a voz. — Por que não vieram nos ajudar? Éramos só oito, porque os outros...

Tinha uma vista extraordinária e era flexível como um gato. Virou-se velozmente para trás, enquanto meu soco apenas roçava na sua orelha e depois, com o apoio de todo o corpo, fez o porrete dar uma curva no ar. Recebi o impacto no peito e cambaleei. Javier se interpôs.

— Aqui não — disse. — Vamos para o Malecón.

— Certo — disse Lu. — Vou lhe ensinar outra vez.

— Veremos — disse eu. — Podemos ir.

Caminhamos meia quadra, devagar, porque minhas pernas ainda vacilavam. Na esquina León nos alcançou.

— Não briguem — disse. — Não vale a pena. Vamos para o colégio. Temos que ficar unidos.

Lu me encarava com os olhos semicerrados. Parecia pouco à vontade.

— Por que bateu nos moleques? — perguntei. — Sabe o que vai acontecer agora com nós dois?

Não respondeu nem fez qualquer gesto. Tinha se acalmado totalmente e estava com a cabeça baixa.

— Responda, Lu — insisti. — Sabe?

— Muito bem — disse León. — Vamos tentar ajudá-los. Apertem as mãos.

Lu levantou o rosto e me olhou, com pena. Ao sentir sua mão entre as minhas, achei-a suave e delicada e lembrei que era a primeira vez que nos cumprimentávamos assim. Demos meia-volta, caminhamos em fila até o colégio. Senti um braço no ombro. Era Javier.